



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – CLPL**

**A IRRUPÇÃO DA FÉ E A SIMILARIDADE DO SAGRADO E DO MITO EM “NATAL  
NA BARCA” DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

**NATÁLIA PEREIRA DA CRUZ**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2015**

**NATÁLIA PEREIRA DA CRUZ**

**A IRRUPÇÃO DA FÉ E A SIMILARIDADE DO SAGRADO E DO MITO EM “NATAL  
NA BARCA” DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado ao Departamento de Letras e  
Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da  
Universidade Estadual da Paraíba –  
UEPB, como requisito para obtenção do  
grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Maria Fernandes  
de Andrade Praxedes

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C957i Cruz, Natália Pereira da.

A irrupção da fé e a similaridade do sagrado e do mito em "Natal na Barca" de Lygia Fagundes Telles [manuscrito] / Natália Pereira da Cruz. - 2015.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Sagrado. 2. Mito. 3. Existência humana. I. Título.

21. ed. CDD 800

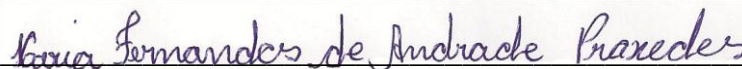
NATÁLIA PEREIRA DA CRUZ

**A IRRUPÇÃO DA FÉ E A SIMILARIDADE DO SAGRADO E DO MITO EM “NATAL NA BARCA” DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

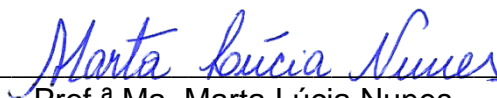
Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Aprovado em: 17/06/2015.

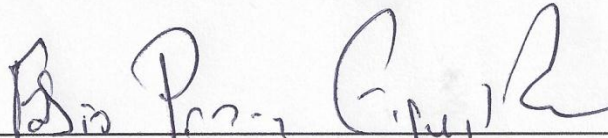
**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes  
Orientadora – UEPB/CAMPUS IV



Prof.<sup>a</sup> Ma. Marta Lúcia Nunes  
Examinadora – UEPB/CAMPUS IV



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo  
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Aos meus pais Francisco e Dalvay, pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena o esforço, as dificuldades e as renúncias. Valeu a pena esperar! Hoje estamos colhendo, juntos, os frutos do nosso empenho!

A minha irmã Andreza, pelo carinho e apoio durante toda esta etapa da minha vida.

Ao meu esposo Júnior, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

Às amigas Desirée e Janilene, pelas tristezas, alegrias e vitórias compartilhadas.

À professora orientadora deste trabalho, Maria Fernandes Praxedes, pela paciência, dedicação durante a etapa de leituras e elaboração da pesquisa.

Aos professores do Curso de Letras do Campus IV da UEPB, pelos ensinamentos e contribuições acadêmicas ao longo do Curso.

A todos que de alguma forma contribuíram para a conclusão dessa etapa acadêmica.

Aos meus pais Francisco e Dalvay, que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, DEDICO.

O mito, em si mesmo, não é uma garantia de “bondade” nem de moral. Sua função consiste em revelar os modelos e fornecer assim a significação ao Mundo e à existência humana.

(Mircea Eliade)

# A IRRUPÇÃO DA FÉ E A SIMILARIDADE DO SAGRADO E DO MITO EM “NATAL NA BARCA” DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Natália Pereira da Cruz<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma reflexão acerca da irrupção da fé em “Natal na Barca” (NNB)<sup>2</sup> de Lygia Fagundes Telles (LFT)<sup>3</sup>, cujo universo ficcional estabelece diálogos entre o sagrado e o mítico, bem como um alinhamento do fantástico que reside na hesitação do leitor entre verdade e fantasia dos fatos narrados. A pesquisa tem como objetivo discutir sobre o sagrado e o mito na narrativa lygiana, atentando para a fé que motiva e justifica a existência do homem independentemente do tipo de sua religião e do seu modo de SER e ESTAR no mundo. O interesse pelo conto e, sobretudo, pelas temáticas se justifica pela percepção de como a autora pontua a questão da existência humana no conto a partir da construção de personagens silenciosas e inquietas, atestando os conflitos da experiência do desequilíbrio entre dois espaços – o espaço físico, entendido aqui como o lugar de ocupação em um determinado tempo, e espaço humano compreendido como a consciência psíquica do sujeito. O estudo desenvolveu-se a partir de aportes teóricos e tem como principais referências Eliade (2001), Lucas (1999), Régis (1998), Taddei (2013), Todorov (2007) dentre outros. A leitura de NNB nos proporcionou conhecer um pouco mais do universo ficcional de LFT, referindo-se à construção dos personagens e o modo como elas revelam sua existência.

**Palavras-chave:** Sagrado. Mito. Existência humana.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Literatura está presente na vida do homem desde as mais remotas experiências da oralidade, antes mesmo da escrita, o ser humano construía e socializava ideologias. Com o advento da escrita, o homem passou a registrar os contextos que marcam ou marcaram as sociedades de todos os tempos. Nesse sentido, quando refletimos sobre a literatura, estamos compreendendo-a como a arte de representar o homem em um determinado tempo e espaço que agregam

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV  
natalia\_\_cruz12@live.com

<sup>2</sup> Utilizaremos “NNB” quando nos referirmos ao conto “Natal na barca”.

<sup>3</sup> Utilizaremos “LFT” quando nos referirmos à autora Lygia Fagundes Telles.



valores como crença, religiões, mitos, sonhos, frustrações, perdas, morte e tantas outras questões inerentes à existência humana.

A densidade humana pontuada pelos conflitos da ação do homem frente aos desencontros eclode como fator motivacional para muitos autores testemunharem a sociedade e o lugar que cada ser ocupa em um determinado tempo e espaço. Apontada pela crítica como uma espectadora do sujeito contemporâneo, Lygia Fagundes Telles nos apresenta os limites entre o SER e o ESTAR no mundo, sua obra suscita uma série de discussões acerca da vida e da morte.

Nosso objetivo, neste trabalho, é discutir sobre o sagrado e o mito no conto “Natal na barca” da escritora paulista, Lygia Fagundes Telles, destacando a fé como elemento motivador dessa existência entre o SER e o ESTAR, independentemente da situação de como o sujeito se encontra nos espaços físico e psicológico, ou seja, até a morte pode ser explicada pela considerada essência fundamental do sagrado.

Vale destacar que não é nosso interesse discutir aqui, neste espaço, as religiões e suas formas de compreensão de fé, mas refletir sobre a irrupção da crença que mobiliza o homem a viver, como é o caso da personagem do conto “Natal na barca”, que perde um filho de 4 anos, é abandonada pelo marido e carrega no colo o filho mais novo doente, e mesmo assim é serena e tranquila, não reclama e não lamenta suas perdas e dores, e isso causa estranhamento a uma outra senhora cuja divide o mesmo espaço da banca em uma noite de Natal.

O que nos motivou à leitura e reflexão do conto foi precisamente a questão da condição da existência humana a partir da construção de personagens taciturnas e ao mesmo tempo inquietas, revelando o desequilíbrio entre dois espaços – o espaço físico e espaço psicológico.

O presente trabalho está organizado em dois momentos: O primeiro, intitulado “Lygia Fagundes Telles: ver e imaginar a densidade humana” que trata de algumas concepções acerca da produção literária da autora e algumas tendências temáticas dela. O Segundo momento denominado “O sagrado, o mito e a existência humana” em ‘Natal na barca’ que apresenta uma discussão sobre a irrupção da fé e de como esse elemento se materializa na mente do homem.

## 1 LYGIA FAGUNDES TELLES: VER E IMAGINAR A DENSIDADE HUMANA

No campo das artes, é possível perceber a função social que a literatura exerce e compreendê-la além da linguagem comunicativa, pois permite ao leitor ver as características relacionadas ao meio social, cultural e ideológico do espaço físico e humano. Nesse sentido, a literatura é complexa e mutável, marca épocas e norteia pensamentos e pontos de vistas convergentes e divergentes. Além disso, revela os problemas sociais expostos na vitrine de um sistema simbólico de honra, medo e vingança, e também agrega valores de fé, religiosidade e mito.

A fim de sublinhar melhor o papel da literatura e a sua relação com o homem e o espaço, entendendo espaço, nesse contexto, não apenas como tempo ou lugar de ocupação, mas como um processo de interação entre o homem e a sociedade e entre o homem e ele mesmo, LFT situa o leitor nos mais variados conflitos da condição humana, nos quais crianças, jovens e idosos vivem os dilemas de uma vida de lutas, perdas e frustrações. A linguagem expressiva de Telles coaduna com a consciência humana, ora seca, ora poética. A autora paulista estabelece a relação linguagem e sociedade como a base que constitui o ser humano. Muitas de suas obras, apesar de agrupar temas complexos e constrangedores como a morte, por exemplo, apresentam ritmo e musicalidade. Isso se deve ao contato que a autora mantém com a poesia. Refletindo sobre essa questão Lucas (1999, p. 13) lembra que “Lygia sempre foi uma grande leitora de poemas.

Há na sua prosa, largo espaço para a poesia, quer na esfera puramente verbal, cheia de ritmo e musicalidade, quer na escolha dos temas e das situações, pontilhados de mistério. Dessa forma, a autora prima em seus textos, juntamente com a linguagem poética, o gosto da magia e do fantástico, envolvendo romantismo, mistérios e terror. Um estilo voltado para a prosa intimista, ou seja, voltado para a exploração psicológica dos personagens, que se afina com o ambiente cultural da época em que ela escrevia, quando a força era o existencialismo.

Além de apresentar um caráter de reflexão existencial, a obra de LFT proporciona, também, o minimalismo, atitude metafórica, desfechos em aberto e preferência pelo universo feminino. Sugere, ainda, uma temática de forte tensão e diálogos oriundos da oralidade e coloquialismo. Sendo assim, Lucas (1999, p.13) diz que “com a oralidade, sua prosa conquistou fluência; com a exploração do

inconsciente, ganhou densidade” podendo desta forma, trazer para a literatura uma nova opção ficcional.

Lygia Fagundes Telles iniciou sua carreira literária escrevendo contos. A autora tinha essencial vocação para histórias curtas, que requer ação sucinta e alinhada, capaz de criar acontecimentos e explorar tensões dramáticas em cenas objetivas e diálogos curtos. Entre suas principais publicações, destacam-se: *Porão e Sobrado* (1938), *Ciranda de pedra* (1954), *Verão no Aquário* (1963), *Antes do baile verde* (1970), *As meninas* (1973).

A obra Lygiana assemelha-se a uma rede de ambientes emaranhados, e a uma natureza de diferentes diálogos “a combinar o efeito da realidade com o efeito da fantasia” (LUCAS, 1999, p.15), fazendo com que o leitor se deleite e se divirta com os diálogos cheios de idas e vindas apresentados em cada narrativa.

Além desses efeitos, alguns contos da autora apresentam a exploração do humor como quebra da seriedade da ficção, como um livramento da tensão do enredo. Segundo Lucas (1999), ela usa o dom da ironia e do grotesco para chamar a atenção sobre alguns dos males sociais ou mesmo exercer uma crítica sobre as relações humanas. Um dos contos da autora que explora o humor é “Verde Lagarto Amarelo” (1969).

No tocante à linguagem expressa na obra de LFT, ela é reveladora do modo de não deixar esquecer, ou seja, através dela é possível representar a realidade de forma concreta e diferente, buscando relações entre os sujeitos e o íntimo do ser humano. Devido a isso, a linguagem pode ganhar destaque em dois modos principais de tratar a realidade: os aspectos da sociedade - mais evidentes nos romances, como é o caso das referências à ditadura militar, em *As Meninas* (1973), enfocada de modo subjetivo. Já os contos, sobretudo os reunidos em *Mistérios* (1981), realizam incursões pelo fantástico como modo de ressignificar o real através da linguagem.

Dessa forma, de acordo com Régis (1998), é possível ler os textos de Lygia com uma renovada admiração e um assombro inevitável com as intenções humanas neles assinalados, pois sua obra pode aprisionar o leitor com a perfeição dos efeitos de seus escritos. Discutindo sobre a linguagem da obra Lygiana, Régis (1998) afirma, ainda, que:

[...] se nos cativa por sua maestria no uso dos recursos da linguagem e pela construção do enredo, não nos proporciona a recompensa de uma resignação confortável ou da conciliação relevante com a realidade, pelo contrário, obriga-nos ao constante confronto com a comoção e mostra-nos os desvios da razão, facilitando nosso mergulho no desconcertante mistério da vida. (RÉGIS, 1998, p.84).

Em relação aos processos de linguagem explícitos na obra de Lígia Fagundes Telles, o leitor, além de apresentar o interesse pela narrativa, pode ir em busca do que está atrás da palavra, mesmo sabendo que o signo apenas encarna uma forma, mesmo assim ele fica insatisfeito querendo explorar outros sentidos que podem ser revelados pela linguagem, deixando-o inquieto, curioso e motivado para ver e imaginar além do dito.

Sendo assim, uma das maiores preocupações de LFT é exprimir essa condição de mistério da palavra, principalmente se tratando da palavra da linguagem poética, que para Régis (1998), no decorrer da leitura, surgem elos que se encaixam na memória, analogias do conhecimento, formando um tecido simbólico que causa assombro, através do inédito e da reflexão sobre a característica humana registrada. Nesse ínterim, o espaço é criado pelo próprio homem e transcende o sentido do lugar comum, ele passa a perceber e interpretar o mundo que o cerca.

As narrativas de Lygia Fagundes Telles podem nos seduzir para esse raciocínio de sentido e nele nos manter encantados, fazendo com que exploremos nossa capacidade de sentir o outro através da palavra, como no conto “A caçada” (1965) que nos permite pensar sobre o sistema de linguagem, quanto na consciência dos efeitos de sentido produzidos pelo seu uso, seja no diz que respeito à fantasmagoria, seja no que se refere à essência da religião ou ao misticismo de sua obra.

Lygia Fagundes Telles possui certo conhecimento da densidade do superficial em seus textos. Ela sabe como desvendar pouco a pouco a oscilação da consciência, embaraçar os destinos humanos e desdobrar a complexidade dos desejos. Sua linguagem proporciona uma realidade duradoura e emocionante à medida que envolve as bruscas mudanças de sentimentos, os estados alterados de consciência, a agitação dos interesses humanos, a exigência do raciocínio e dentre outros aspectos que refletem na memória do leitor. Dessa forma, Régis (1998) defende que:

A narrativa de Lygia Fagundes Telles é, fundamentalmente, a narrativa dos estados mentais, embora não descuide dos acontecimentos históricos e sociais. Seus romances e contos procuram surpreender o sujeito na sua palavra, tal como se dá a conhecer a si mesmo e aos outros. (RÉGIS, 1998, p.90)

Com isso, pode-se entender que a literatura Lygiana procura dedicar-se a questionamentos sobre a razão da realidade humana, examinando a distinção dos destinos, a conspiração dos desejos, e descobrir os motivos e as paixões das pessoas. Ainda que surpreenda o leitor, o enredo o coloca frente a frente com a dimensão espacial que se manifesta em um determinado lugar concreto ou simbólico de sentido e significado da consciência humana.

Tal como o espaço temporal de suas narrativas, Lígia Fagundes Telles é conduzida, ao que parece, pelo desejo de testemunhar a experiência humana em sua inesgotável vivência, e essa vontade se concretiza por meio desse discurso literário munido de invenções e de grandezas de diversos sentidos com as palavras. Assim, a palavra em LFT é o sentido da existência humana.

Portanto, a autora acredita na capacidade crítica da literatura, na sua contínua tentativa de designar a realidade de sua experiência. Pode-se dizer que acompanhar sua obra é “mergulhar nos labirintos da alma humana” (RÉGIS, 1998, p.88), porém, tendo que se expor aos movimentos históricos e sociais, vivenciando o sofrimento dos abusos, desviar os planos individuais, aceitar a nossa fragilidade e sorrir dos nossos comportamentos mais estranhos, percebendo os diversos sentidos da linguagem viva.

No conto “Natal na barca”, objeto de discussão deste trabalho, a autora nos coloca diante de tempo, que de acordo com Eliade (2001) é reversível, mítico e recuperável, e, além disso, é indefinidamente repetível, chamando atenção para a existência se SER no mundo. Para isso, as personagens, sobretudo a mãe da criança, explica sua existência diante da diversidade à luz da religiosidade.

Nesse sentido, o sagrado não põe limite entre a fé e o mito, embora ambos pareçam pertencer a uma dissociabilidade. O milagre da ressurreição da criança acontece segundo o desejo de ver e imaginar o outro e a si mesmo, ou o renascimento de um novo tempo, de esperança e sonho de um futuro melhor. A criança nasce e morre para nascer de novo, ciclo que lembra a trajetória do Menino Jesus, nasceu, morreu e ressuscitou, e vive para aqueles que acreditam na sua existência.

## 2 SAGRADO, MITO E EXISTÊNCIA HUMANA EM “NATAL NA BARCA”

A literatura “humaniza”<sup>1</sup> a partir de uma perspectiva dialógica entre sujeito real e o sujeito ficcional, entre tempo passado e presente, (Cândido). Com isso o homem pode construir sua identidade, analisar aspectos sociais e individuais, uma vez que o texto literário perpassa a estrutura, a forma de construção e suas características temáticas conduzindo o leitor a uma reflexão sobre a vida de si mesmo e sobre o que está a sua volta. E nessa observação é possível ver e imaginar o outro e a si mesmo, ainda que a razão não compreenda a existência humana e a morte.

O conto “NNB” de Lygia Fagundes Telles, publicado pela primeira vez em 1958, inserido na obra *Antes do Baile Verde*, escrito em primeira pessoa, narra a travessia de um rio em uma noite de Natal. Durante a viagem ocorre um breve e inusitado diálogo entre duas mulheres – uma jovem, que conduz uma criança no colo e uma senhora que produz o discurso da narrativa. A primeira traz consigo as marcas do tempo e do espaço de sua existência humana, a segunda observa o espaço humano e tenta evitar, a priori, qualquer conversa com a jovem mulher para se eximir daquilo que pode ser perceptível pelo sentido.

A narradora de “NNB” é do tipo homodiegético, ou seja, conta a história que vê e imagina, mas não participa dela. Na obra, a narradora sente-se oprimida, “era como se estivesse mergulhada até o pescoço naquela água” (TELLES, 1999, p.109). A mesma deseja sumir, desaparecer para não testemunhar algo que lhe parece fabuloso (mitológico, inventado). Apressadamente tenta fugir antes que a mãe descubra que a criança está morta, “era terrível demais, não queria ver” (TELLES, 1999, p.109). De certa forma, a narradora toma para si a dor daquela mulher. “Aproximei-me, evitando encará-la. – Acho melhor nos despedirmos aqui” (TELLES, 1999, p.109). Entretanto, naquele momento, a mulher “pareceu não notar meu gesto” (TELLES, 1999, p. 109). Observa-se então nesses trechos, que a narradora demonstra uma impressão que tem, e não a certeza de um fato ocorrido, embora essa incerteza lhe cause desespero só de pensar a dor do outro.

Essa tentativa de ficar longe da realidade dura pouco, a narradora é tomada por uma inquietação e curiosidade de saber um pouco sobre a história daquela mulher e, à medida que a mãe da criança vai relatando sobre sua vida, fica visível

---

<sup>1</sup>Expressão utilizada por Cândido.

seu estado de pobreza, mas o que chama a atenção da senhora narradora é precisamente a calma e a serenidade com que ela relata seus dramas e tragédias - primeiro foi a morte do filho mais velho de 4 anos de idade; depois foi abandonada pelo marido, e agora a doença do pequeno filho que ela conduz em seu colo. Um misto de sentimento povoa o coração da senhora que ouvia as histórias de lutas e perdas. Então, é pertinente o questionamento sobre a narradora: como falar de tantas tragédias e conseguir manter a quietação, sem reclamar da vida?

A narrativa Lygiana, segundo Régis (1998), nos faz experimentar os limites da possibilidade de significação do objeto narrado e por isso pode nos comunicar um sentimento de inquietude e estranhamento. Esses aspectos nos revelam questões sobre o ficcional, a memória, o esconderijo do narrador, a partir dos diálogos e finais não revelados em suas tramas. A linguagem da autora também revela ambigüidade, pois há em sua obra a marca do suspense como uma pergunta sem resposta. Não porque na ausência resida o mistério (e muitos de seus textos invocam mistério e horror), mas porque está repleta de personagens solitários, rejeitados ou loucos. O inacabado aparece como linguagem, na dificuldade de se comunicar.

Um aspecto bem marcante na obra de LFT é a questão da pontuação em seus escritos, que sempre provoca uma inquietude, por criar, segundo (RÉGIS, 1998, p.89), “uma cumplicidade com os modos de pensar das personagens”. Para ela, trata-se de uma pontuação que faz parte da trama, adensando a atmosfera dos enredos, adentrando entre razão e invenção, sentindo, através das palavras, os sentimentos e reações dos personagens como respirações, suspiros, entre outros.

– Meu marido me abandonou.

[...]– Faz uns seis meses. Imagine que nos vivíamos tão bem, mas tão bem! Quando ele encontrou por acaso com essa antiga namorada, falou comigo sobre ela, fez até uma brincadeira, a Duchá enfeiou, de nós dois fui eu que acabei ficando mais bonito... E não falou mais do assunto. Uma manhã ele se levantou como todas as manhãs, tomou café, leu o jornal, brincou com o menino e foi trabalhar. Antes de sair ainda me acenou, (...) recebi a carta à tardinha, ele mandou uma carta. Fui morar com minha mãe numa casa que alugamos perto da minha escolinha. Sou professora. (TELLES, 1999, p.107)

Podemos observar que a fala dessa personagem é marcada por reticências, e isso se dá geralmente nos momentos marcados por maior emoção. Nesse sentido, o pensamento é eliminado, intensificando a imaginação criativa do leitor. A supressão das palavras interrompe o discurso para provocar outros efeitos, como é

o caso de deixar em aberto para que o leitor preencha os vazios e diga o não-dito pelo texto, dando, assim, margem a uma reflexão ou até mesmo a uma continuidade dos fatos.

O primeiro momento da narrativa chama a atenção do leitor pelo mistério que a narradora faz diante do fato de encontrar-se naquela barca na noite de Natal: “Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca”. (TELLES, 1999, 105). Neste caso, pode-se considerar que a autora empresta a sua voz a essa personagem, como se tivesse uma relação pessoal e esconde algo que não pode revelar, cabendo ao leitor ficar atento à tarefa de buscar compreender os personagens que se encontram em estado de dor e sofrimento, pois ao ler o texto parece tratar-se de um “segredo” que não poder ser manifestado, como um desabafo de quem não pode revelar algo assombroso. Discutindo sobre a interação do leitor com o texto, Iser destaca que:

[...] o horizonte do sentido nem copia algo dado do real nem do hábito de um público intencionado, o leitor deve imaginá-lo. Apenas a imaginação é capaz de captar o não dado, de modo que a estrutura do texto, ao estimular uma sequência de imagens, se traduz na consciência receptiva do leitor (ISER, 1966, p.79).

As relações interacionistas texto/leitor e texto/sentido fazem com que surjam inúmeras impressões, bem como diversas formas de transmissão de sentido ao receptor. A relação estabelecida entre a obra, autor e personagem é bem pontuada nas narrativas de Lygia Fagundes Telles, e exige um amplo envolvimento das partes, principalmente de suas personagens. Para Régis (1998, p.96), Lygia tem o dom de “mergulhar profundamente na alma de suas personagens” envolvendo-as de forma cuidadosa nas cenas de sua experiência vital.

A autora faz uso da linguagem para transcender o real superficial e imediato, conduzindo-nos para a intimidade do objeto de seu conhecimento. Ela apresenta várias formas de SER e EXISTIR no mundo. As personagens femininas, universo marcante da autora, buscam uma resposta para a existência da condição humana-seus conflitos com o mundo, vítimas de desencontros, traições e fraturas de sentimentos diante do amor.

Em “NNB”, fantasia e realidade encontram-se como mistério da fé, essência da religiosidade. A existência da vida e da morte combinam conflitos e dramas como tônicas da produção literária de LFT. O tom de mistério e a irrupção da fé da jovem



mulher podem ser explicados pela teoria da religiosidade ou do sagrado, e isso explicaria a sua existência no mundo, ainda que tenha ou tivesse que sofrer tanto. Refletindo sobre o sagrado e o profano, Eliade lembra que:

[...] o *sagrado* e o *profano* constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história. Estes modos de ser do Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou a sociologia, não constituem apenas o objeto de estudo histórico, sociológico, etnológico. Em última instância, os modos de ser *sagrado* e *profano* dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana. (ELIADE, 2001, p.20)

Embora nas suas reflexões o autor não feche o sentido do que seja realmente sagrado, visto que ele deixa em aberto a compreensão quanto aos elementos intrínsecos que aproximam ou distanciam o sagrado e o profano, essa indefinição precisa do termo, acarreta, de certa forma, uma ambiguidade quando é preciso tratar de existência humana e o sentido dessa existência que cada um toma para si. Todavia, o sagrado parece revelar aquilo que tem real valor e importância na vida do homem, daí a importância da hermenêutica de Eliade (2001), quando afirma que o sagrado se distingue entre todas as coisas, pois revela em sua essência aquilo que é verdadeiro e significativo para o homem, e esse valor e significância só o homem pode atribuir, quer seja a um objeto, quer seja a sua própria existência.

No caso específico do conto em análise, o sagrado difere um pouco de algumas doutrinas religiosas, visto que se configura entre o ser e o existir no mundo. A história da mãe e esposa é, por excelência, uma realidade de ser que perdeu o filho e foi abandonada pelo marido e agora pode perder mais um filho. Nesse sentido, o sagrado, na tentativa de encontrar um sentido mais amplo para a palavra é aquilo que tem sentido para o homem e faz parte do seu ser, como bem lembra Eliade (2001).

A morte do filho mais velho e a doença do filho mais novo parecem não lhe causar cólera. Contudo, ter sido abandonada pelo marido causa-lhe certo desconforto, revelando o desequilíbrio diante do desencontro. Esse fato remete a uma interpretação mítica no conto: essa mulher é a conotação viva da fé extrema, ao ponto de a narradora sentir-se irritada com tamanha paciência e conformismo da mulher, embora ocorra, posteriormente, o processo de epifania naquela que narra:

- A senhora e conformada.
- Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.
- Deus – repeti vagamente.
- A senhora não acredita em Deus?
- Acredito – murmurei. E, ao ouvir o som débil da minha afirmativa, sem saber por que, perturbei-me. Agora entendia. Ai estava o segredo daquela confiança, daquela calma. Era a tal fé que removia montanhas... (TELLES, 1999, p. 118)

Vale destacar, portanto, que não se trata só de religião, mas uma fé inabalável, a fé na existência de um SER maior que pode todas as coisas, a fé que “move montanhas” e supera até mesmo a dor de perder um filho. Para aquela mãe, a morte do filho representa o livramento da dor, senão a dela, mas a do filho, e isso fica patente quando ela pede a Deus que lhe conceda a alegria de ver mais um vez o filho amado. Desta forma, é possível imaginar que a fé dessa senhora vai além de uma religião doutrinária, sobretudo daquela que subverte o homem e o condena como pecador.

De acordo com Eliade (2001), religião não implica necessariamente em crer em Deus, deuses, ou espíritos, mas refere-se à experiência do sagrado, e, conseqüentemente, está relacionada às ideias de ser, significado e verdade. O sagrado é aquilo que é experienciado como significativo, real e verdadeiro. É um elemento na estrutura da consciência, não um estágio na história da consciência.

No que diz respeito aos elementos míticos presentes no conto, observa-se que a barca envolve um cenário fúnebre: “desconfortável”, “tosca”, “tão despojada”, “tão sem artifício”, “grade de madeira carcomida”, “chão de largas tábuas gastas”, abria um “sulco negro” no rio, “em redor de tudo era silencio e trevas”, os passageiros eram iluminados com a “luz vacilante” (TELLES, 1999, p. 105) de uma lanterna. Percebe-se que a única luz daquele espaço era a luz humana advinda da fé e da esperança da mulher que carregava a criança no colo, tudo ao redor era penumbra e tristeza.

Em contrapartida com esse cenário fúnebre, vale salientar o que realmente representa o Natal para os que têm fé - uma noite de luz e nascimento, vida e alegria. Tudo isso se contrapõe ao aspecto lúgubre do ambiente, mas que será revitalizado na ressurreição, ou seja, no nascer de “novo” da criança. Como os fatos ocorrem na Noite de Natal, período em que o estado de espírito das pessoas se encontra conforme os sentimentos e acontecimentos expressos na data (nascimento de Jesus Cristo), a especificação da época do ano em que os fatos se sucedem

pode estar relacionada com o estado de espírito da narradora, com o tema do conto e também com os acontecimentos descritos no desfecho. Assim, o medo e a solidão cedem lugar à vida, a uma nova forma de existir, a ideia de que é preciso morrer para nascer de novo.

A narradora encontra-se sozinha e, apesar de afirmar que se “sentia bem naquela solidão” (TELLES, 1999, p. 105), nota-se uma certa tristeza, uma falta de esperança, que o leitor pode perceber por meio do seu discurso e gestos. É bem verdade que a solidão e o medo atingem parte das pessoas que, muitas vezes, não sabem os motivos para tais sentimentos. Sabe-se que é grande o número de indivíduos que se sentem tristes e melancólicos durante o período natalino, o que pode ser o caso da narradora, talvez porque não encontre uma razão para a sua existência no mundo.

Desse modo, observa-se que a fé que move as pessoas é de grande força, pois elas acreditam que tudo é possível, reversível e recuperável. O milagre só acontece, segundo a fé daqueles que acreditam nessa força divina, quando os fatos transcendem o mundo de nossas experiências. É importante ressaltar que a fé em “NNB” se configura por meio de uma linguagem simbólica, do ponto de vista religiosa, pois tem ligação direta com o homem religioso. Segundo o pensamento de Eliade (2001) o homem religioso vive o Tempo sagrado que se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, uma espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos.

Discutindo o conceito de mito, Eliade (2007), defende que o mito é, ou foi, até recentemente algo “vivo”, quando se trata dos modelos que direcionam a conduta humana e por isso confere significação e valor à existência do homem. Ainda refletindo sobre o mito (ELIADE, 2007, p. 10), lembra que “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio”. Assim, ainda que o ocorrido pareça sobrenatural, o fato passa a se configurar, segundo a experiência e o comportamento humano, como algo que passou a existir, uma realidade possível.

Podemos observar que a caracterização do ambiente se dá em meio a uma narração simples do comportamento das personagens, “uma lanterna nos iluminava”, “um velho, uma mulher com uma criança e eu” (TELLES, 1999, p. 105), a qual, segundo Osmar Lins, refere-se a uma ambientação acessível, “que se

distingue pela introdução pura e simples do narrador” (LINS, 1976, p.79), uma ambientação que aparece de forma clara na imaginação do leitor, e deste espaço/ambiente surge o fantástico/misterioso.

Nesta linha de pensamento, pode-se dizer que o fantástico se define com relação ao real e ao imaginário, o estranho e o maravilhoso, como uma incerteza, uma hesitação diante de um acontecimento sobrenatural, como defende (TODOROV, 2007, p. 31). Inicialmente, a impressão que se tem é que se trata de um sonho da narradora, em seguida parece puro devaneio a ideia de achar que a criança está morta, mas à medida que analisamos e estabelecemos as relações tempo/espaço desconfiamos de que a tônica da narrativa pode ser o questionamento da existência humana, o entre lugar do homem no mundo moderno e a necessidade de encontrar uma explicação, senão racional, ao menos religiosa para a superação dos conflitos, da perda e da dor.

Assim, nota-se que os textos de Lygia nos levam a acompanhar intensamente pessoas e objetos. Dessa forma, a autora consegue apresentar de modo esplêndido os objetos em cena; “Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro”(TELLES, 1999, p.105); “Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava com um meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado”. (TELLES, 1999, p.106). Ao detalhar e distribuir os objetos nos espaços habitados pelas personagens isso ganha um sentido único nas narrativas da autora, pois envolve o leitor como se ele estivesse participando da história. Assim, as personagens são pessoas vivas que dialogam com os espaços e estes com o leitor, contribuindo para o verossímil.

Há também a espacialidade da barca que denota a ambientação fantástica, instaurando a possibilidade da manifestação do insólito na narrativa. De acordo com a própria narradora, a barca referia à morte: “ali estávamos os quatro, silenciosamente como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão.” (TELLES, 1999, p.105). Partindo desse pressuposto, pode-se referir que a morte se materializa na descrição do ambiente, carcomido pelo desgaste do tempo.

O caráter polissêmico da barca pode ser o fator que acentua sua indefinição, o que gera certo mistério. Este, por sua vez, abre as portas para o fantástico, causando no leitor a hesitação no decorrer da leitura do conto, pois ele busca os diversos sentidos. Desse modo, de acordo com Todorov (2007, p. 37) “a hesitação do leitor é, pois, a primeira condição do fantástico”, ocorre que esse fantástico não

parece ser o elemento primeiro da narrativa quando nos deparamos com o discurso da mãe da criança, embora seja importante para entendermos o interstício do sagrado e do mítico.

Além da descrição da barca que suscita o mistério no conto, pode-se considerar que a mãe da criança, a partir de como é apresentada ao leitor, representa o lado obscuro das coisas e ao mesmo tempo expõe suas condições sociais - pobre, mal vestida e abandonada pelo marido. Apesar da visibilidade do sofrimento, a narradora reconhece uma força extraordinária que motiva aquela mãe a continuar vivendo e a aceitar as coisas como uma providência divina:

Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga. (TELLES, 1999, p.105)

Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Deparei em suas roupas, pobres roupas puídas, tinham muito caráter, revestidas de certa dignidade. [...]Suas mãos destacavam-se exaltadas sobre o xale preto, mas o rosto era tranquilo. [...]Levantou a cabeça com energia. O queixo agudo era altivo, mas o olhar tinha a expressão doce. (TELLES, 1999, p.106).

[...] aqueles olhos vivíssimos e aquelas mãos enérgicas. [...]E começou, com voz quente de paixão. (TELLES, 1999, p.108).

[...] Sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rostoesplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa. (TELLES, 1999, p.110)

Como se pode observar, Lygia Fagundes Telles, dando voz a uma narradora enigmática, cria ambientes com ar de mistério, de modo a envolver o leitor num universo de suspense, fantasia e enigmas, uma vez que a mesma nos sugere os caminhos a serem percorridos pelas personagens, mas que ao término de suas obras, guarda o surpreendente desfecho de suas histórias, ou deixa o leitor a questionar sobre o que pode ter acontecido com suas personagens.

No conto em análise, a autora envolve e prende a atenção do leitor, do início ao fim, pois dá pistas, sugere situações, mas que ao final nos emociona e nos comove com o seu desfecho, na medida em que surpreende o leitor com a surpresa de um final inusitado, quando a criança ressuscita, embora para a mãe, ela estava apenas dormindo e foi despertada do sono.

Telles, por meio de sua narrativa, resgata as mulheres, numa tentativa, talvez, de romper com o seu isolamento e lhes dá voz para elas exteriorizarem os seus dramas e sofrimentos, em meio a uma sociedade de princípios autoritários herdados do regime patriarcal. Refletindo sobre a obra de Lygia Fagundes Telles, Taddei afirma que:

Há em sua obra a marca do suspense como uma pergunta sem resposta. Não porque na ausência reside o mistério (e muitos de seus textos invocam mistério e horror). Mas porque está repleta de personagens solitários, rejeitados ou loucos. O inacabado aparece como linguagem, na dificuldade de se comunicar. (TADDEI, 2013, p. 22).

Neste caso, em contraponto com o autor pode-se dizer que em “Natal na Barca”, a protagonista resguarda um mistério através de sua aparência “jovem e pálida” (TELLES, 1999, p. 105), e também no questionamento final relacionado à possível morte do filho, que se mantém vivo e revigorado assim como a mãe, a fé é acessível a sua experiência de SER mãe, e SER religiosa. “É claro que todas essas experiências são inacessíveis ao homem religioso, não somente porque, para este, a morte foi dessacralizada, mas também porque já não vive num Cosmo propriamente dito e já não se dá conta de que ter um “corpo” e instalar-se numa casa equivale a assumir uma situação existencial (ELIADE, 2001, p.143).

No conto em análise, por exemplo, há uma mãe com um filho (talvez moribundo, fato que reflete o mistério na narrativa), vivendo um transe misto de desespero e fé. Lygia trata do “desencontro humano como inevitável” como disse Lopes (*apud* TADDEI, 2013, p. 21). Um desencontro que trata de diversos olhares, questionamentos com respostas oscilantes.

Podemos perceber o mistério presente na narração do sonho pela personagem, onde a mesma, sentada no banco de um jardim, fez um pedido para ver o filho, e acaba dormindo e sonhando com o filho que morreu. O sonho da mãe se configura na fé que ela demonstra em Deus, mas mesmo assim o sonho ainda revela uma consciência da personagem, de que o filho está bem melhor ao lado de Deus e por isso ela fica feliz quando ele aparece sorrindo, é como se a morte para aquele filho o livrasse de sofrimentos aqui na terra, uma experiência sobrenatural fascinante que vivera em um dia de desespero pela saudade do filho morto:

Foi logo depois da morte do meu menino. Acordei uma noite tão desesperada que sai pela rua afora, enfiei um casaco e sai descalça e chorando feito louca, chamando por ele... Sentei num banco do jardim onde toda tarde levava ele para brincar. E fiquei pedindo, pedindo com tamanha força, que ele, que gostava tanto de mágica, fizesse essa mágica de me aparecer só mais uma vez, não precisava ficar, só se mostrasse um instante, ao menos mais uma vez, só mais uma! Quando fiquei sem lágrimas, encostei a cabeça no banco e não sei como dormi. Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão com sua mão de luz. E vi o meu menino brincando como Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio rindo ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... Era tal sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim. (TELLES, 1999, p.108).

Neste trecho podemos perceber que o fantástico pode ser acionado através do sonho e da experiência vivida ou não pela personagem, alude-se a um mistério do real com o imaginário pelo fato da mãe sentir tanta falta do filho a ponto de sonhar com uma cena que não se sabe se a mesma aconteceu.

Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão com sua mão de luz. E vi o meu menino brincando como Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio rindo ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... Era tal sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim. (TELLES, 1999, p.108).

Como na cena em que a mãe diz que a última mágica do filho foi perfeita, quando se refere ao voo que a criança deu e morreu, se expressa aqui, o fantástico/mistério, pois não se sabe, se a perfeição é referente à realização da mágica, tendo em vista que as outras nunca funcionavam, ou teria a morte, para o filho de 4 anos, sido um acontecimento perfeito, já que ele agora brinca com o “menino Jesus no jardim do Paraíso”. Aqui é posto a ideia do limite entre céu e inferno, o céu agora é o paraíso onde vive o menino, livre do sofrimento de SER e ESTAR em um mundo caótico, desigual e injusto. Embora, vale destacar, que o conto nos coloca diante de muitas incertezas quanto às “verdades” e a fantasmagoria. Segundo Todorov, o fantástico equilibra-se exatamente nessa incerteza:

Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, e parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. [...]O fantástico e a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 2004, p.30-1).

Dessa forma, essa incerteza provocada no leitor faz parte do estilo de Lygia Fagundes Telles, o sonho pode ser considerado um mistério a partir do momento que ocorre a transição entre o real e o imaginário munido dos sentimentos e vontades de suas personagens. Após a barca chegar ao seu destino, a personagem se despede tentando despistar a mulher com a finalidade de não compartilhar mais um momento de perda e dor. Mas a mãe ignora o momento da despedida e vira-se para apanhar a sacola e afasta o xale que cobria a cabeça do filho, eis o momento surpreendente para o leitor e para a narradora:

– Acordou o dorminhoco! E olha ai, deve estar agora sem nenhuma febre...  
– Acordou?!  
Ela teve um sorriso.  
– Veja...  
Inclinei-me. A criança abriu os olhos — aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face de novo corada. (TELLES, 1999, p.109).

Para a mãe, a criança desperta do sono, para a narradora, a criança desperta da morte. Essa dicotomia lembra a similaridade de sono e morte segundo a mitologia grega destacada por Eliade (2007), ao lembrar que “na mitologia grega, Sono e Morte, Hipnos e Tanatos, são dois irmãos gêmeos”. No caso do conto em discussão, sono e morte se personificam na imagem da criança, para a mãe, ela dorme e desperta do sono, para a narradora ela desperta da morte, ou seja, o milagre acontece antes que a mãe descubra que o filho estava morto, uma forma, talvez, de evitar mais uma tragédia na vida daquela jovem mãe.

O fantástico é acionado na narrativa, mostrando a hesitação sobre o fato acontecido, pois, pode-se entender que naquela barca aconteceram dois fenômenos extraordinários - a morte e o milagre da ressurreição. Ou a narradora equivocou-se e não percebeu de fato se a criança estava dormindo? Tudo parece mistério quando se trata da narradora. O que estaria fazendo na barca? Aonde ia? E por que se recusou a revelar o real motivo de estar ali?

No que diz respeito à mãe da criança, podemos perceber que há um motivo preciso para estar na barca, “justamente hoje...”, “hoje mesmo” (TELLES, 1999, p.106), era necessário levar a criança para consultar, e tinha que ser exatamente naquele dia, o dia do milagre. A narradora toca no ponto central da temática do conto, ao apresentar, por meio do discurso direto, a fala da personagem que está com o filho doente nos braços: –“Só sei que Deus não vai me abandonar.” (TELLES,



1999, p.106). As palavras da mulher não dão margem à dúvida: ela sabe, tem certeza do que afirma, essa certeza tem a ver com sua fé e só ela compreenderia a sua crença de que tudo acabaria dando certo.

As imagens antitéticas pontuadas no conto remetem fortemente aos questionamentos e ambiguidades da existência humana. Pode-se dizer que elementos dicotômicos como morte vida, escuridão e luz (época em que as árvores e casas são enfeitadas com luzes), contribui para manter um tom sombrio na narrativa, ainda que a fé da mulher tente dar um tom de luminosidade e movimento à vida, a sua existência. Outras imagens antitéticas são utilizadas na construção da narrativa. A respeito da água do rio, “tão gelada” (TELLES, 1999, p. 106), mas que “*de manhã é quente*” (TELLES, 1999, p. 106); as roupas da mulher, “pobres roupas puídas”(TELLES, 1999, p. 106), e que, porém, “tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.” (TELLES, 1999, p. 106). Essa dignidade é ainda mais visível quando a mulher fala de sua fé “tenho fé dona”. (TELLES, 1999, p. 108).

Desse modo, fé, religiosidade e milagre estão basicamente entrelaçados na trama. Tem-se a religiosidade como expressão da própria espiritualidade. Quando a mulher afirma “Deus nunca me abandonou” (TELLES, 1999, p. 108), mostra que a religiosidade pode ser considerada como a expressão ou prática do crente que pode estar relacionada com uma fé religiosa e esta, talvez, possibilite ao sujeito, experiências misteriosas e mágicas.

Para Silva e Siqueira (2009), a religiosidade é compreendida na dimensão pessoal. Podemos ver isso quando a narradora ao ser questionada pela mãe da criança acerca de sua crença em Deus, responde: “acredito” (TELLES, 1999, p.108). Desse modo, entende-se que a fé pode ser considerada uma forma de superação, uma vez que remete à “confiança”, à “credibilidade”, à “fidelidade”. Assim, a fé, como essência do sagrado, é sentimento de total crença em algo ou alguém, ainda que não haja nenhum tipo de evidência para comprovar a verdade da teoria em causa. Pode-se confirmar esse conceito sobre fé no trecho “aí estava o segredo daquela confiança, daquela calma” (TELLES, 1999, p. 108). A personagem, através dessa força consegue uma relação com o seu suprassensível baseado nos acontecimentos da vida.

De acordo com Fornazari e Ferreira (2010), a religiosidade contribui com a convicção de que existe uma dimensão maior, responsável pelo controle sobre as contingências presentes na vida, capacitando o indivíduo a lidar com os

acontecimentos de forma mais tranquila, confiante e reduzindo a ansiedade diante dos fatos.

Há uma passagem no conto que merece destaque pela imagem criada a partir da descrição da narradora: “sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rosto resplandecia.” (TELLES, 1999, p. 110). Essa descrição da mulher, ainda que apareça com o emprego de uma antítese, o rosto que resplandecia em contraste a cor preta, alude à representação da morte e ao mesmo tempo lembra, curiosamente, a imagem de uma santa, ou da Mãe de Jesus.

Após todos os acontecimentos, o encontro, o sonho, acontece o clímax surpreendente relativo à possível morte do menino. A mãe “afastou o xale que cobria a cabeça do filho” (TELLES, 1999, p. 109). Ao invés do desespero aguardado pelo leitor, tem-se uma mulher feliz, sorridente, pelo fato da criança estar bem e sem febre. Ela mostra o menino: “A criança abriu os olhos – aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. (...) Fiquei olhando sem conseguir falar.” (TELLES, 1999, p. 108). E, enfim, a despedida, “então bom Natal” (TELLES, 1999, p. 109).

A atmosfera natalina se constrói nas sugestões da narrativa, oferecendo índices para a dignificação de um convite à vida, a uma nova vida. A figura dessa mãe com o filho nos braços é descrita como uma alusão sutil à imagem da Virgem Maria com o Menino Jesus. No texto, podemos conferir quando a mulher estava sentada, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga Telles (1999). A sua resignação e cordialidade tornam-na um ser quase sublime. Vejamos, ainda, o último registro da sua presença, logo após os votos de “bom Natal” para a companheira de viagem: “apertei-lhe a mão vigorosa e acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite” (TELLES, 1999, p. 110).

Mas, se descartarmos a sugestão do milagre (já que a fé é abstrata), nos encontramos diante de uma narrativa que possui requisitos pretensamente fantásticos: a permanência da ambiguidade e da incerteza (a criança estava morta, ou simplesmente dormia?); a não identificação dos personagens e a noção de espaço híbrido e mágico dada ao rio (ele é quente e verde durante o dia e gelado à noite); a falta de explicação racional para a possível ressurreição; a ausência de dados que confirmam o equívoco da narradora quanto à morte da criança e à sua perplexidade explícita diante da ocorrência.

A experiência do sagrado é, por assim dizer, a realidade que desponta da ideia de realidade e verdade. As atividades humanas, os valores, como modelos veiculados pelo mito, representam a similaridade entre sagrado, fé e existência. De acordo com Eliade (2007), é da experiência do sagrado que nasce a ideia de que alguma coisa existe realmente, de que existam valores absolutos, capazes de guiar o homem e de conferir uma significação à existência humana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A literatura nos permite fazer uma viagem entre o real e o imaginário, fazendo relações pessoais e sociais diante das diversas temáticas abordadas no texto literário. Contudo, vale destacar, uma questão ainda muito polêmica quando se trata de análise de uma obra, olhares diversos, com perspectivas diferentes sobre o mesmo tema tem sido debatido por pesquisadores e estudiosos dessa arte chamada literatura, e, por causa disso, não podemos pensar em uma verdade absoluta sobre uma obra, ela será sempre objeto de questionamento e de novas descobertas.

Foi pensando na possibilidade de outras leituras, de novas descobertas e até mesmo de questionamento sobre o que foi dito neste trabalho, e que por isso estamos abertos a críticas que possam colaborar para o amadurecimento desta pesquisa, registramos nossas impressões sobre a vertente do sagrado e sua relação com a existência do homem, considerando a fé como essência desse sagrado, e apontando alguns elementos que nos permitiram perceber o discurso ora bíblico, ora mítico, embora a teoria do sagrado e do profano, do mito e da realidade nos diga que ambas as coisas não se dissociam, pois estariam interligadas pela fé e, conseqüentemente, pela realidade de cada ser humano.

A leitura de “Natal na barca” nos provocou um sentimento de inquietude e estranhamento, revelando questões sobre o ficcional, a memória e a realidade a partir dos diálogos narrativos e finais não revelados no conto. Ao emprestar sua voz à personagem, a narradora nos coloca no cerne de um drama, aparentemente, real – vida e morte se camuflam para revelar a crise e os conflitos do homem perante o lugar/espço e tempo em que vive.

Em se tratando da religiosidade apresentada no conto, percebemos que o sagrado configura entre o ser e o existir no mundo, e é justamente nessa tentativa

de encontrar um sentido para a própria existência em dois mundos distintos – o externo, aqui entendido como lugar, e o interno, compreendido como consciência de si mesmo, que as personagens do conto dialogam entre si e como o leitor, visto que as dúvidas, a coragem, a fé e até o possível milagre da ressurreição da criança nos coloca diante de questionamentos: a fé daquela mulher é tão forte a ponto de ela ter superado a morte do filho de 4 anos de idade? Ou a morte seria a única forma de livrar-se do sofrimento diante da perda, da fome e desse mundo caótico e de miséria?

No conto “NNB” a fé se refere à especificação do tempo, mais precisamente à época de Natal, onde os fatos se sucedem de acordo como estado de espírito da narradora, a crença de que é preciso morrer para nascer novamente, referência ao nascimento do menino Jesus. Dessa forma, a fé é considerada uma grande força que move as pessoas, acreditando que tudo é possível, reversível e recuperável, ou seja, em “NNB”, a autora busca envolver o leitor do início ao fim, dando pistas, sugerindo situações, e no final, ela emociona e nos comove com seu desfecho na medida em que o leitor é admirado com a surpresa de um final inesperado, quando a criança ressuscita, embora para a mãe, ela estava apenas dormindo e foi despertada do sono, do hipno. Já para a narradora, ocorre o contrário, a criança desperta da morte, do tanato. Contudo, se hipno e tanato eram irmãos gêmeos, um personificava o sono e o outro a morte, na narrativa Iyigiana, um se personifica no outro para explicar a existência humana. Assim, podemos dizer que há uma invasão de mito e realidade traduzida na vida, na morte e na ressurreição da criança, e porque não dizer das crianças, já que a primeira aparece em sonho ou em realidade para a mãe.

Desta forma, há na narrativa, desencontros e questionamentos com respostas ocultas e pendulares, nos colocando diante de muitas incertezas, nas quais o fantástico se instaura para causar medo e tensão no leitor. Nesse sentido, entendemos que a ambiguidade presente no conto contribui para manter um lado sombrio da narrativa, cheio de penumbras, mas que no final abre para uma luminosidade surpreendente, a vida que renasce da fantasmagoria.

Esperamos, assim, que estas discussões possam, minimamente, provocar curiosidades para a leitura do conto, atentando para as questões que foram debatidas e outras questões permitidas pela narrativa. Cabe, ainda, afirmar que a leitura de “NNB” nos possibilitou conhecer um pouco mais do universo ficcional de

Lygia Fagundes Telles, sobretudo ao que se refere à construção de suas personagens e o modo como elas revelam sua existência. Nesse sentido, LFT é testemunha de que para se viver em uma sociedade como a nossa é preciso paciência, serenidade e fé.

## **ABSTRACT**

This work is the result of a reflection about the irruption of faith in " Natal na Barca" (NNB)<sup>2</sup> of LygiaFagundesTelles (LFT)<sup>3</sup>, whose fictional universe establishes dialogues between the sacred and the mythical, as well as an alignment of the fantastic that resides on hesitation between truth and fantasy reader of the narrated facts. The research aims to discuss about the sacred and the myth in lygiana narrative, paying attention to the faith that motivates and justifies the existence of man regardless of the type of their religion and their way of being in the world. The interest in the story and, above all, by the justified perception of thematic as the author points out the question of human existence in the tale from the construction of silent characters and restless, attesting to the conflicts of the experience of (UN) balance between two spaces – the physical space, understood here as the place of occupation at a certain time, and human space understood as psychic awareness of the subject. The study developed from theoretical and has as main references Eliade (2001), Lucas (1999), Régis (1998), Taddei (2013), Todorov (2007) among others. Reading NNB provided us with knowing a little more of the fictional universe of LFT, referring to the construction of the characters and the way they reveal their existence.

**Keywords:** Sacred. Myth. Human existence.

## REFERÊNCIAS

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. Vol. 1. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: 34, 1996.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LUCAS, Fábio. **A ficção giratória de Lygia Fagundes Telles**. In: CULT Revista Brasileira de Literatura. Junho, 12-17, 1999.

RÉGIS, Sônia. **A densidade do aparente**. In: - Caderno de Literatura Brasileira. Lygia Fagundes Telles, nº5, março, 1998.

SILVA, R. R., & SIQUEIRA, D. (2009). Espiritualidade, religião e trabalho no contexto organizacional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 14(3), 557-564.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000300017>. Acesso em 15 de maio de 2015.

TADDEI, Roberto. **A força de Lygia Fagundes Telles**. Carta na Escola. São Paulo, n. 77, p. 21-23, jun. 2013

TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde: contos**/ Lygia Fagundes Telles. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.